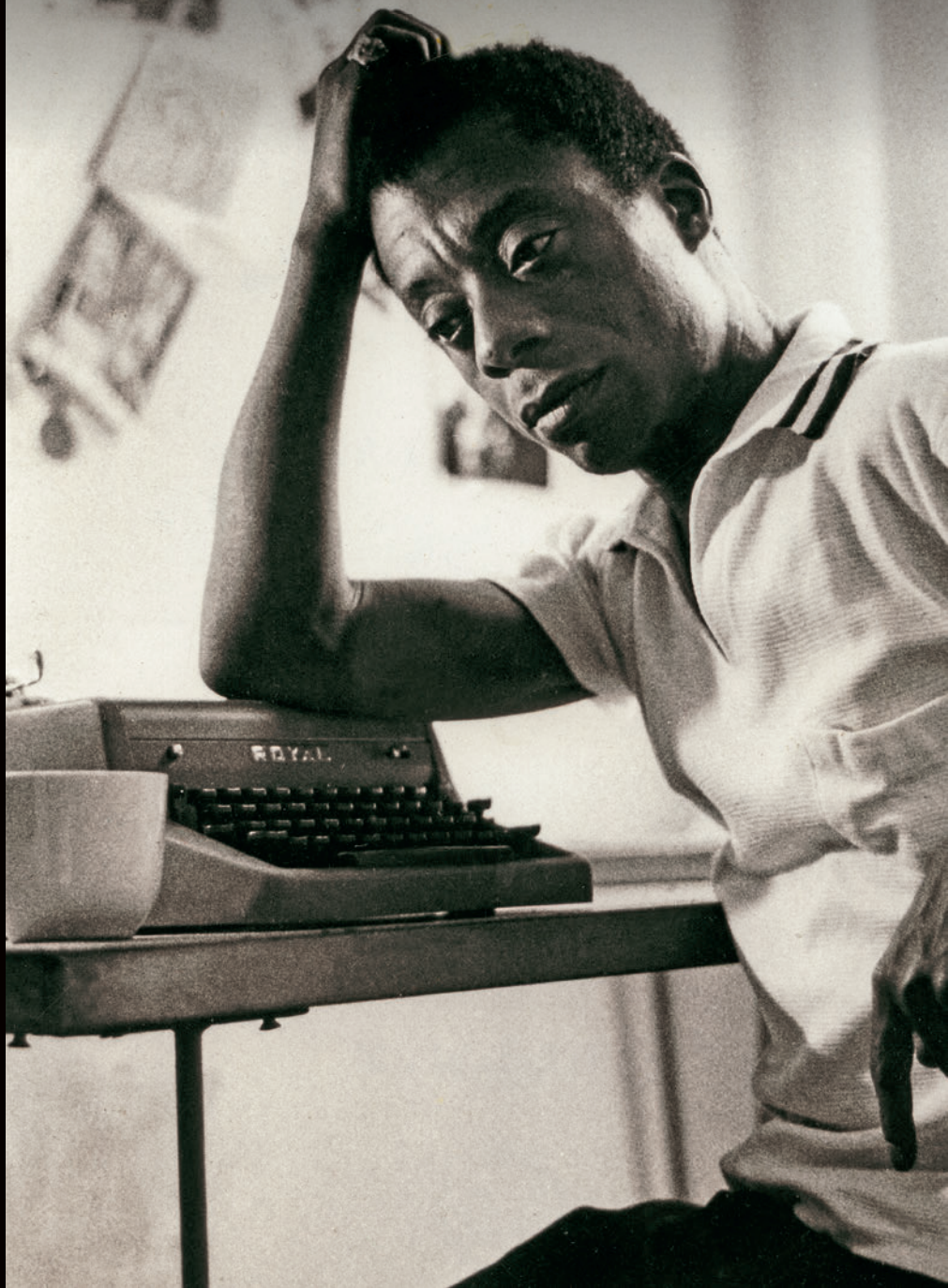


ALFAGUARA

James Baldwin

Notas de um filho da terra



Tradução de Pedro Rapoula

Prefácio à edição de 1984

James Baldwin

Foi o Sol Stein, meu companheiro de liceu, editor, romancista, dramaturgo, quem primeiro me sugeriu que fizesse este livro. A minha reação não foi muito entusiástica: se bem me lembro, respondi-lhe que era demasiado novo para publicar as minhas memórias.

Nunca tinha pensado nestes ensaios como um possível livro. Depois de os ter escrito, não voltei a pensar neles. A sugestão do Sol teve o surpreendente e antipático efeito de me fazer ver que o tempo passara. Foi como se ele me tivesse atirado um balde de água fria à cara.

No entanto, o Sol insistiu, tal como insistiram os perigos e rigores da minha situação. Eu havia regressado de Paris em 1954 por motivos que, até hoje, não são completamente claros para mim. Prometera a um amigo suíço uma visita à minha terra natal, mas creio que isso se pode considerar um mero pretexto: falta-lhe força para ser um motivo. Não encontro nenhuma razão objetiva para o meu regresso à América naquele momento — e não estou seguro de conseguir encontrar também uma subjetiva.

E ali estava eu, no início de 1954, a poucos meses dos meus trinta anos, aterrorizado mas feliz por estar com a minha família e com os meus amigos. Era o meu segundo regresso depois da minha partida em 1948.

Tinha voltado em 1952, com o meu primeiro romance, e ficado o tempo suficiente para o mostrar à minha família, o vender e sair dali para fora. Tornei a vir aos Estados Unidos em 1954, com *The Amen Corner*, e estava a trabalhar em *O Quarto de Giovanni* — que separara do que viria a ser *Another Country*.

Na verdade, e apesar de alguns momentos assustadores, 1954/55 havia sido um excelente ano. No fim de contas, eu tinha sobrevivido — e a prova disso era conseguir trabalhar. Estava na Writers Colony, o Yaddo¹, em Saratoga Springs, quando o meu amigo Marlon Brando ganhou o Óscar, e pude ver na televisão a Bette Davis a entregá-lho e a dar-lhe um beijo. O falecido Owen Dodson ligou-me de Washington D.C. para me dizer que estava a encenar uma produção estudantil da minha peça na Universidade de Howard. Viajei até à cidade, onde conheci o falecido E. Franklin Frazier e o grande Sterling Brown. Howard foi o primeiro *campus* universitário que visitei e, sem estes dois homens, não sei o que teria sido do meu estado de espírito. Graças a Deus, a peça foi um daqueles extraordinários êxitos de sete ou dez dias, representada, na última noite, para uma plateia completamente esgotada, apesar das relutâncias de um corpo docente que ainda não era Negro² («Esta peça vai fazer com que o departamento de oratória regrida trinta anos!»), de uma revista *Variety* perplexa («O que acha que os Negros do Norte vão pensar desta peça?») e do facto de que não voltaria a ser encenada

¹ Yaddo é um espaço de residências artísticas internacionais para artistas e escritores fundado em 1900. (*N. do T.*)

² A Universidade de Howard foi fundada em 1887 e estava destinada exclusivamente à educação da população negra, embora o seu corpo docente fosse, salvo raras exceções, praticamente constituído por professores brancos. (*N. do T.*)

durante quase dez anos. E eu tinha-me apaixonado. Estava feliz — o mundo nunca me parecera um sítio tão bonito.

Só havia um pormenor. Eu, nós, não tínhamos onde cair mortos.

O Sol Stein voltou ao ataque. Havíamos combinado que seriam nove ensaios, mas ele queria dez, e eu escrevi o texto que dá título ao livro entre a casa do Owen e o Hotel Dunbar. Regressei a Nova Iorque, onde terminei *O Quarto de Giovanni*. Os editores da *Publisher's Row*, esse antro de intuição, olharam para o livro com horror e repulsa, recusaram-se a tocar nele, dizendo que eu era um jovem escritor Negro e que, se publicassem o livro, este iria alienar o meu público e arruinar-me a carreira. Em suma, não pretendiam publicá-lo e era um favor que me faziam. Transmiti a minha gratidão, talvez um pouco bruscamente demais, pedi dinheiro emprestado a um amigo, e eu e o meu namorado apanhámos o barco para França.

Nunca tinha pensado em mim como ensaísta: a ideia nunca me passara pela cabeça. Mesmo agora, ou talvez especialmente agora, é difícil para mim recriar esse processo.

Terá certamente que ver com o que eu estava a tentar descobrir e, também, a tentar evitar. Se pretendia descobrir-me — uma ideia que, vista de perto, é um pouco duvidosa, uma vez que também pretendia evitar-me —, havia entre mim e esse que eu tentava encontrar uma persistente rocha eterna³. Essa rocha marcava a mão, e todas as ferramentas se partiam contra ela. No entanto, algures havia um *eu*:

³ A expressão «rocha eterna» (no original, *Rock of Ages*) remete para um dos mais importantes hinos protestantes, escrito em 1762 pelo Reverendo Augustus Montague Toplady, que se refere a Deus como uma rocha, uma constante inamovível. (*N. do T.*)

sentia-o, agitando-se dentro de mim contra o cativoiro. A esperança de salvação — a identidade — dependia de se ser ou não capaz de decifrar e descrever a rocha.

Uma canção proclama: «Guia-me até à rocha que é mais alta do que eu», e outra grita: «Esconde-me na rocha!» e outra ainda anuncia: «Encontrei um lar nessa rocha». Ou: «Corri até a rocha para esconder o meu rosto: a rocha gritou, aqui não há esconderijo!»

A persistente rocha eterna revelou-se como parte da minha herança — uma parte, note-se, não a totalidade —, mas, para reclamar o meu direito de nascença, do qual a minha herança era apenas uma sombra, precisava de desafiar e reclamar a rocha. Caso contrário, a rocha reclamava-me a mim.

Dito de outra forma, a minha herança era particular, especificamente limitada e limitadora: o meu direito de nascença era vasto, conectando-me a tudo o que vive, e a todos, para sempre. Mas não se pode reclamar um direito de nascença sem se aceitar a herança.

Portanto, quando comecei, seriamente, a escrever — quando soube que estava comprometido, que isto seria a minha vida —, tive de tentar descrever aquela condição particular que era — é — a prova viva da minha herança. E, ao mesmo tempo, com essa mesma descrição, precisei de reivindicar o meu direito de nascença. Sou, certamente, o que o tempo, as circunstâncias, a história fizeram de mim, mas sou também muito mais do que isso. Como somos todos.

A difícil questão da cor é a herança de todos os americanos, sejam eles/elas legalmente ou realmente Negros ou Brancos. É uma herança assustadora, pela qual inúmeras multidões venderam, em tempos, o seu direito de

nascimento. E continuam a fazê-lo hoje. Este horror une de tal forma o passado e o presente que se torna verdadeiramente impossível, e certamente inútil, falar dele como ocorrendo, por assim dizer, no tempo. Pode ser, e tem sido, suicida tentar falar disto a uma multidão que, partindo do princípio de que sabe que o tempo existe, acredita ser possível iludir o tempo.

Em qualquer caso, isto tem algo que ver com as minhas origens. Estava a tentar situar-me numa herança específica precisamente para reivindicar o direito de nascimento do qual essa herança me excluía de uma forma tão brutal e particular.

Não é agradável ser forçado a reconhecer, mais de trinta anos depois, que esta dinâmica ou a sua necessidade não mudaram. Houve alterações superficiais, com resultados, no seu melhor, ambíguos e, no pior, desastrosos. Moralmente, não houve qualquer mudança, e a transformação moral é a única que é verdadeira. *Plus ça change*, protestam os franceses exasperados (que devem saber do que falam), *plus c'est la même chose*. (Quanto mais as coisas mudam, mais ficam na mesma.) Pelo menos têm classe para serem verdadeiros a esse respeito.

A única mudança concreta que pode ser claramente discernível neste indescritível e perigoso caos dos tempos atuais é uma consciência apavorada, por parte daqueles que maltrataram e subjugarão os outros durante tanto tempo, de que a situação se inverteu. Nem por uma única vez os Civilizados foram capazes de honrar, reconhecer ou descrever o Selvagem. Falando em termos práticos, o Selvagem é a fonte da sua riqueza, e a subjugação contínua é a chave para o seu poder e glória. Isto é absoluta e indiscutivelmente verdade na África do Sul — para citar apenas

uma secção do continente — quanto à situação dos homens e das mulheres Negros; aqui, o Negro tornou-se, economicamente, quase dispensável e, portanto, encorajam-no a juntar-se ao Exército, ou, num conceito defendido, creio eu, por Daniel Moynihan e Nathan Glazer, a transformar-se num pós-homem — a tornar-se útil, valha-nos Deus, enquanto os Homens Brancos assumem o pesado fardo de governar o mundo.

Certo. *Plus ça change*. Falando como cidadão Negro, em relação aos seus compatriotas, *quem tem amigos destes...*

Há um terrível pânico não admitido entrelaçado nos andaimes das esperanças e dos esforços dos dias de hoje. Já disse que os Civilizados nunca foram capazes de honrar, reconhecer ou descrever o Selvagem. Depois de terem decidido que ele era selvagem, não havia nada para honrar, reconhecer ou descrever. Mas os selvagens descrevem os europeus — que ainda não eram Brancos quando chegaram ao Novo (!) Mundo — como *o povo do céu*. Os selvagens de África também não tinham forma de prever a diáspora angustiada a que estavam prestes a ser condenados. Nem os chefes que vendiam os africanos como escravos podiam fazer ideia de que essa escravatura iria durar para sempre, ou pelo menos durante *mil anos*. Nada na experiência dos selvagens os poderia ter preparado para tal ideia, tal como não podiam conceber a terra como algo que se comprasse ou vendesse. (Tal como eu não consigo acreditar que haja pessoas a comprar e a vender espaço aéreo sobre as torres de Manhattan.)

No entanto, tudo isto aconteceu, e acontece. É desta incrível brutalidade que nasce o mito do *pretinho feliz* e de *E tudo o Vento Levou*. E os norte-americanos parecem acreditar nessas lendas, que eles próprios criaram e que

absolutamente nada na realidade corrobora até hoje. E quando se põem em causa essas lendas, como acontece atualmente — num planeta que nunca foi, nem será, Branco —, os meus compatriotas tornam-se infantilmente vingativos e indescritivelmente perigosos.

O terrível pânico não admitido a que me referi acima é criado pelo terror de que o Selvagem possa, agora, descrever o Civilizado: a única forma de evitar isso é destruir a humanidade. Esse terror prova que uma pessoa ou um povo nada podem fazer sem saberem o que estão a fazer. Nem ninguém pode evitar ter de pagar pelas escolhas que fez. É selvaticamente, se assim se pode dizer, irónico que a única prova que o mundo — a humanidade — alguma vez teve da supremacia Branca esteja no rosto e na voz Negra: esse rosto nunca escrutinado, essa voz nunca ouvida. Os olhos nesse rosto são a prova do imperdoável e inimaginável horror de se ser cativo na terra prometida, mas mostram também que *as provações não são eternas*⁴: e a voz, outrora cheia de raiva e de dor, que corroborava a realidade do carcereiro, fala, agora, de outra realidade, noutras línguas. As pessoas que se pensam Brancas têm a opção de se tornarem humanas ou irrelevantes.

Ou, como já o são, de facto, em tudo menos na realidade: obsoletas. Porque, se como diz o Pastor, as provações não são eternas, o Poder também não o é: essa identidade que se diz Branca sempre pareceu depender do facto ou da esperança ou do mito do Poder.

Eu tinha acabado de fazer trinta e um anos quando se publicou este livro pela primeira vez e, quando o leitor

⁴ Referência à letra de uma canção espiritual negra, «Trouble don't last always». (N. do T.)

o for ler, terei sessenta anos. Penso que é um facto notável, mas não o menciono, agora, como uma ocasião para celebrações ou lamentações. Não sinto que tenha razões para me queixar: pelo contrário, é melhor ficar por aqui, independentemente do que o futuro trouxer. No entanto, tenho razões para refletir — como sempre acontece quando se é obrigado a olhar para trás. Penso nas muitas pessoas que me ajudaram de maneiras indescritíveis, há tantos anos, quando eu era o miúdo de olhos esbugalhados e língua presa, que recordo sentado no chão a um canto. Eu estava a passar por um mau bocado no Village, onde a maior parte da população, incentivada pela polícia, achava muito divertido atirar mesas e cadeiras à minha cabeça, e depressa deixei de falar dos meus direitos «constitucionais». Suponho que sou um sobrevivente.

Um sobrevivente de quê? Naqueles anos, quando ficava aterrorizado, veemente ou choroso, diziam-me: *Isto leva tempo, Jimmy. Leva tempo*. Eu concordo. Continuo a concordar: embora não tenha sido preciso muito tempo para que algumas das pessoas que eu conhecia nessa altura — nos anos cinquenta — virassem a casaca, decidissem fazer o que queriam e se vestissem com a bandeira americana. Um bando de cobardes miseráveis e desprezíveis, a quem em tempos confiei a minha vida — *quem tem amigos destes...*

Mas falaremos disso noutra dia. Quando eu era jovem, diziam-me que aqui levava tempo até um Negro ser tratado como um ser humano, mas que isso iria acontecer. Nós vamos ajudar a que isso aconteça. Prometemos-te.

Sessenta anos da vida de um homem é muito tempo para que se cumpra uma promessa, especialmente considerando todas as vidas que precederam e rodearam a minha.

O que aconteceu, no tempo do meu tempo, é o registo dos meus antepassados. Nenhuma promessa se cumpriu com eles, nenhuma promessa se cumpriu comigo, nem posso aconselhar os que virão depois de mim, nem os meus parentes globais, a acreditar numa palavra proferida pelos meus compatriotas moralmente falidos e desesperadamente desonestos.

«E», diz Doris Lessing, no seu prefácio a *African Stories*, «embora as crueldades do homem branco para com o homem Negro estejam entre as mais pesadas acusações contra a humanidade, o preconceito de cor não é, na sua origem, culpa nossa, mas apenas um aspeto da atrofia da imaginação que nos impede de nos vermos a nós próprios em todas as criaturas que respiram debaixo do sol.»

Amém. *En avant.*

18 de abril de 1984
Amherst, Massachusetts

Notas autobiográficas

Nasci no Harlem há trinta e um anos. Comecei a planejar romances mais ou menos ao mesmo tempo que aprendi a ler. A história da minha infância é a fantasia sombria de sempre, e podemos descartá-la com o simples comentário de que não gostaria mesmo de voltar a vivê-la. Naqueles tempos, a minha mãe mantinha o hábito exasperante e misterioso de ter filhos. À medida que iam nascendo, eu cuidava deles com uma mão e lia um livro com a outra. É muito provável que as crianças tenham sofrido, embora sejam agora suficientemente amáveis para o negar, e foi assim que li *A Cabana do Tio Tom* e *História em Duas Cidades* vezes e vezes sem conta; na realidade, foi assim que li tudo o que conseguia apanhar — exceto a Bíblia, provavelmente porque era o único livro que me encorajavam a ler.

Devo também confessar que escrevia — e muito —, e o meu primeiro triunfo profissional — na realidade, o meu primeiro esforço para ser visto na imprensa — ocorreu mais ou menos aos doze anos, quando um conto que eu escrevera sobre a Revolução Espanhola ganhou uma espécie de prémio num jornal da igreja, que teve uma existência extremamente curta. Lembro-me de que a senhora editora censurou o conto, embora não me recorde porquê, e da minha indignação.

Também escrevi peças de teatro, canções — uma das quais me valeu uma carta do Presidente da Câmara de La Guardia a felicitar-me — e poesia, sobre a qual quanto menos se disser, melhor. A minha mãe estava encantada com tudo isto, mas o meu pai, não; queria que eu fosse pregador. Aos catorze anos tornei-me pregador e aos dezasseite parei. Pouco tempo depois, saí de casa. Durante sabe Deus quanto tempo lutei com o mundo do comércio e da indústria — julgo que eles diriam que foram eles que lutaram comigo — e, perto dos meus vinte e um anos, tinha um romance suficientemente pronto para conseguir uma bolsa de estudos da Saxton. Aos vinte e dois anos a bolsa acabou, o romance revelou-se invendável, e comecei a servir às mesas num restaurante do Village e a escrever críticas de livros — na sua maioria, como se veio a verificar, sobre o problema Negro, em relação ao qual a cor da minha pele me tornava automaticamente um especialista. Fiz outro livro com o fotógrafo Theodore Pelatowski, sobre as igrejas situadas em espaços comerciais do Harlem. Este livro teve exatamente o mesmo destino do meu primeiro: atribuíram-me uma bolsa de estudo, mas não foi possível publicá-lo. (Era uma bolsa Rosenwald.) Aos vinte e quatro anos decidi parar de escrever crítica de livros sobre o problema Negro — que, por esta altura, era apenas ligeiramente menos horrível na imprensa do que na vida —, fiz as malas e fui para França, onde acabei, sabe Deus como, o *Se o disseres na montanha*.

Suponho que qualquer escritor pense que o mundo em que nasceu faz, no mínimo, parte de uma conspiração que pretende impedi-lo de cultivar o seu talento — uma sensação que terá bastante fundamento em que se apoiar. Por outro lado, é apenas porque o mundo olha para o seu

talento com uma indiferença tão assustadora que o artista se vê obrigado a tornar o seu talento importante. Desta forma, qualquer escritor que olhe para trás, mesmo num período tão curto como o que sou aqui forçado a avaliar, descobre que as coisas que o feriram e as que o ajudaram são inseparáveis; só pôde ser ajudado de uma certa maneira porque o magoaram de uma certa forma; e a ajuda consistiu simplesmente em ser capaz de passar de um enigma para o outro — é-se tentado a dizer que passa de um desastre para outro. Quando se começa a procurar influências, encontra-se uma torrente delas. Não pensei muito sobre as minhas, pelo menos não o suficiente; arrisco-me a dizer que a Bíblia King James, a retórica da igreja situada em espaços comerciais, qualquer coisa de irónico, violento e perpetuamente subestimado no discurso Negro — e um tanto do apreço de Dickens pela bravura — têm algo que ver comigo hoje em dia; mas não poria as minhas mãos no fogo por isto. De igual modo, muitas pessoas me ajudaram de inúmeras maneiras; mas, suponho que, no fim, a coisa mais difícil (e mais gratificante) da minha vida foi o facto de ter nascido Negro e ter sido forçado, por isso, a fazer uma espécie de trégua com esta realidade. (Uma trégua, já agora, é o melhor que se pode esperar.)

Uma das dificuldades de se ser um escritor Negro (e isto não é um argumento especial, uma vez que não pretendo sugerir que ele tenha uma situação pior do que qualquer outra pessoa) é que se escreve bastante sobre o problema Negro. As prateleiras dos livros sofrem sob o peso da informação e, por isso, toda a gente se considera informada. Além disso, essa informação opera normalmente (em geral, popularmente) no sentido de reforçar as atitudes tradicionais. Estas são apenas duas — a favor

ou contra — e, quanto a mim, tenho dificuldade em dizer qual me causou maior sofrimento. Falo como escritor; de um ponto de vista social, estou perfeitamente consciente de que a mudança da má vontade para a boa vontade, por mais motivada, por mais imperfeita, por melhor ou pior manifestada que seja, é melhor do que nenhuma mudança.

Mas do meu ponto de vista, o trabalho do escritor implica examinar atitudes, ir além da superfície, ir até à fonte. Desta perspectiva, o problema Negro é quase inacessível. Não só se escreve bastante, como se escreve mal. É possível dizer que o preço que um Negro paga para se tornar articulado é encontrar-se, no fim de contas, sem nada com que ser articulado. («Ensinaste-me a linguagem», diz Caliban a Próspero, «e o que ganho com isso é saber praguejar.») Considere-se: a tremenda atividade social que este problema gera impõe, tanto a brancos como a Negros, a necessidade de olhar para a frente, de trabalhar para conseguir um futuro melhor. Isto está bem, mantém as águas agitadas; foi, na realidade, tudo o que possibilitou o progresso do Negro. No entanto, os assuntos sociais não são, de modo geral, a preocupação essencial do escritor, quer devam ou não sê-lo; é absolutamente necessário estabelecer entre si e estes assuntos uma distância que lhe ofereça, pelo menos, nitidez, de modo a que, antes de poder olhar para a frente em qualquer sentido importante, lhe seja permitido olhar primeiro e longamente para trás. No contexto do problema Negro, nem os brancos nem os Negros, por excelentes razões que lhes são próprias, têm o menor desejo de olhar para trás; mas penso que o passado é tudo o que torna o presente coerente, e julgo, além disso, que o passado continuará a ser horrível justamente enquanto nos recusarmos a examiná-lo de forma honesta.

Seja como for, identifico o momento crucial do meu desenvolvimento pessoal como aquele que me obrigou a reconhecer que eu era uma espécie de bastardo do Ocidente; quando segui a linha do meu passado, não me vi na Europa, mas sim em África. E isto significou que de uma forma subtil, de uma forma verdadeiramente profunda, olhei para Shakespeare, Bach, Rembrandt, para as pedras da Catedral de Chartres e para o Empire State Building com uma atitude especial. Estas não eram de facto as minhas criações, não continham a minha história; poderia procurar nelas, em vão e para sempre, qualquer reflexo de mim próprio. Eu era um intruso; esta não era a minha herança. Ao mesmo tempo, não tinha qualquer outra herança que pudesse esperar utilizar — não estava certamente adaptado à selva ou à tribo. Teria de me apropriar destes séculos brancos, teria de os tornar meus — teria de aceitar a minha atitude especial, o meu lugar especial neste esquema —, caso contrário não teria lugar em *nenhum* esquema. O mais difícil foi ter sido forçado a admitir algo que sempre escondi de mim próprio, que o Negro americano teve de esconder de si próprio como preço do seu progresso público: o facto de odiar e temer os brancos. Isto não significa que amasse os Negros; pelo contrário, desprezava-os, possivelmente por não terem conseguido produzir um Rembrandt. De facto, eu odiava e temia o mundo. E isto significava não só que dava ao mundo um poder totalmente assassino sobre mim, mas também que, nesse limbo autodestrutivo, nunca poderia ter esperança de escrever.

Só se escreve a partir de uma coisa — a própria experiência. Tudo depende de quão implacavelmente se extrai dessa experiência a última gota, doce ou amarga. Esta é a única preocupação real do artista: recriar, a partir da desordem

da vida, a ordem que é a arte. Com efeito, a dificuldade de ser um escritor Negro residia, para mim, no facto de estar proibido de examinar demasiado de perto a minha própria experiência devido às tremendas exigências e aos perigos muito reais da minha situação social.

Não creio que o dilema acima descrito seja invulgar. Considerando que os escritores trabalham no meio desastrosamente explícito da linguagem, é provável que esse facto ajude a explicar porque é que, apesar dos enormes recursos do discurso e da vida do Negro, e apesar do exemplo da música Negra, a prosa escrita por Negros seja, de um modo geral, tão pálida e tão dura. Não escrevi tão frequentemente sobre a condição do Negro por acreditar ser esse o meu único tema, mas apenas porque era a porta que tinha de abrir antes de poder esperar escrever sobre qualquer outra coisa. Não creio que o problema do Negro na América se possa discutir de forma coerente ignorando o seu contexto; sendo o seu contexto a história, as tradições, os costumes, os pressupostos morais e as preocupações do país; em suma, o tecido social geral. Aparentemente, ninguém na América escapa aos seus efeitos e todos na América têm alguma responsabilidade nele. Acredito convictamente nisto, na mesma medida em que é esmagadora a tendência para falar deste problema como se fosse uma coisa à parte. Mas na obra de Faulkner, na atitude geral e em certas passagens específicas de Robert Penn Warren, e, mais significativamente, no advento de Ralph Ellison, vê-se — pelo menos — o início de uma indagação mais genuinamente penetrante. A propósito, o Sr. Ellison é o primeiro romancista Negro que li a utilizar na linguagem, e de forma brilhante, alguma da ambiguidade e ironia da vida dos Negros.

Quanto aos meus interesses, não sei se tenho alguns, a não ser que o desejo mórbido de possuir uma máquina de filmar de dezasseis milímetros e fazer filmes experimentais possa ser classificado como tal. De resto, gosto de comer e de beber — tenho a melancólica convicção de que quase nunca comi o suficiente (isto porque é *impossível* comer o suficiente se se estiver preocupado com a próxima refeição) —, gosto de discutir com pessoas que não discordam profundamente de mim e gosto de rir. *Não* gosto da boémia, nem dos boémios, não gosto de pessoas cujo principal objetivo é o prazer, e não gosto de pessoas que são *fervorosas* em relação a qualquer coisa. Não gosto de pessoas que gostam de mim porque sou Negro; também não gosto de pessoas que encontram no mesmo facto casual motivos para desprezo. Amo a América mais do que qualquer outro país do mundo e, exatamente por isso, insisto no direito de a criticar perpetuamente. Penso que todas as teorias são suspeitas, que os mais altos princípios podem ter de ser modificados, ou mesmo pulverizados, pelas exigências da vida, e que cada um deve encontrar, portanto, a sua própria bússola moral e andar pelo mundo esperando que essa bússola o guie corretamente. Considero que tenho muitas responsabilidades, mas nenhuma maior do que esta: resistir, como diz Hemingway, e fazer o meu trabalho.

Quero ser um homem honesto e um bom escritor.

Um clássico contemporâneo: jornada de autodescoberta, declaração de independência individual, afirmação da condição de escritor, e um incontornável testemunho sobre pertença, segregação, fé e liberdade.

A matéria-prima desta coleção de ensaios de James Baldwin é a sua própria vida e um momento-chave da formação do escritor: o reconhecimento de que as suas raízes estavam em África e que nenhuma das referências culturais que o rodeavam — Shakespeare, Bach ou Rembrandt — podia oferecer-lhe um espelho onde observar e pensar a sua herança.

Escritos nos anos de 1940 e 1950, estes textos cristalizam uma reflexão sobre a negritude, em pleno alvorecer do movimento dos direitos civis. Protagonizando, ele mesmo, as dramáticas mudanças sociais que eclodiram nessa época, Baldwin investiga as complexas circunstâncias de se ser negro nos Estados Unidos, compondo o retrato de um país em ebulição.

Ativista, homem, negro, homossexual: neste livro, conhecemos o percurso íntimo de uma das raras figuras que abordaram a questão da raça com um olhar dúplice, inteligentemente equilibrado entre a crítica feroz à injustiça e a surpreendente compreensão oferecida aos agressores.

Profético e incrivelmente atual, escrito com notável inteligência e sensibilidade, *Notas de um filho da terra* confirmou o lugar pioneiro de James Baldwin enquanto crítico social e agente de mudança, sendo até hoje um dos seus livros mais aplaudidos.



«Escrito com amarga clareza e invulgar encanto.

[...] *Notas de um filho da terra* consolidou a reputação de Baldwin como um visionário cultural [...] e permanece como o seu livro mais determinante.»

Time




«James Baldwin é um dos grandes intérpretes da América do século XX.»

ISABEL LUCAS, *Público*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897876103



9 789897 876103 >